

A QUALIDADE DO NUMEN – NA FILOSOFIA E PENSAMENTO DE DALILA

Catarina Costa

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto

(351) 226 077 100 | ifilosofia@letras.up.pt

Resumo: Para uma reflexão sobre a história e pensamento da cultura e língua portuguesa, evocaremos aqui Dalila Pereira da Costa e Carl Jung, considerado por esta um dos maiores, senão o maior mestre espiritual do Ocidente.

Palavras-chave: Dalila Pereira da Costa, Carl Jung, Cultura, Filosofia.

Abstract: For a reflection on the history and thought of the Portuguese culture and language, evoke here Dalila Pereira da Costa and Carl Jung, considered this one of the largest, if not the greatest spiritual master of the West.

Keywords: Dalila Pereira da Costa, Carl Jung, Culture, Philosophy.

Introdução

“Sonhos, profecias, visões, iluminações e ainda a música, serão as diferentes maneiras do sagrado se revelar: suas diversas teofanias. O profeta, o iluminado, o homem que sonha, o poeta, o visionário, o músico, o homem religioso, participam em planos diversos, duma mesma essência – atingem em diversas intensidades a fonte da revelação” (DALILA, 1991, pp.61-62)

Singrarmos em possíveis explicações acerca do *Numen*, no espólio legado da obra suma de Dalila representa, indubitavelmente, a vontade de perscrutar o “habitat” de sua inspiração intuitiva nos domínios do sagrado. Aspeto proeminente na sua forma de expressão literária e filosófica, por excelência.

Numa entrevista à rádio lusofónica aos 91 anos Dalila, confirmava que sua inspiração era acompanhada da sua intuição, sobretudo, fruto de um envolvimento constante desse estado “quando escrevo faço-o mais por intuição do que por ideias”. Refere ainda que o abstracto das suas obras resume-se à mera passagem das suas vivências, sendo a sua mensagem o seu testemunho e a experiência da vivência do numinoso.

O *Numen* ou efeito do numinoso, neste caso, tal como Dalila o descreve em algumas afirmações “a esse conhecimento imediato do mundo invisível, transcendente, que é a verdadeira Realidade, o Absoluto, Deus”, ou ainda de forma mais directa descreve a vivência íntima de Deus, “como conhecimento objetivo duma realidade transpessoal, vinda de um plano transumano, sem aderências ou implicações de um pessoal: a ele de todo estranha e, no entanto, pertença de seu mais fundo íntimo” (COSTA, 1999, p. 66) compagina-se no que o conceito de *Numen* elaborada por Rudolph Otto e mais tarde utilizado por Jung tomaram como o “ influxo de uma presença invisível que produz uma modificação especial da consciência” (COSTA, 1999). Neste sentido poderemos encarar as obras “A Força do Mundo”¹ e “Instantes”², enquanto reservatórios e descrições exemplares da dimensão e testemunho deste efeito do *Numen* presente na inspiração da escritora, ensaísta e poeta. Contextualizarmos a experiência vivida, imediata de Deus descrita em algumas das suas mais particulares obras de Dalila, no que Carl Gustav Jung em “Psicologia e Religião”

¹ Cf. Introdução, in *Instantes*, 1999, p. 6. Esta primeira publicação, surgida em plena maturidade existencial, intelectual, literária, explica e contém, em gérmen, toda a sua obra futura e pode considerar-se uma peça rara da nossa literatura mística e visionária”.

² Cf. *Instantes*, 1999, p. 6. Ângelo Alves, *Autobiografia elaborada como testemunho e serviço*.

explanou sobre o efeito do numinoso “ como sendo condição do sujeito, independente da sua vontade” (JUNG, 1985, pp. 9), sendo que neste sentido se nos oferece a possibilidade também de considerarmos “Instantes” e as “Meditações sobre o Extase”, exemplos do que o pensador entende por psicologia do *Homo religiosus*, isto é, do indivíduo que contera e observa cuidadosamente certos factores de ordem que agem sobre ele e seu estado em geral. A Religião para Jung, é em última instância, fundada na experiência do numinoso e “ na fidealidade, lealdade, fé e confiança em relação a uma determinada experiência de carácter numinoso e na mudança de consciência que daí resulta” (JUNG, 1985, pp. 9). Para Jung, o indivíduo possuirá uma atitude naturalmente religiosa. A experiência religiosa é algo de absoluto.

Se perscrutarmos o conteúdo da obra de Dalila, observaremos que a experiência religiosa é, senão germen e eixo oficial de aua arquitectura literária, fruto da sua sensibilidade e ligação preponderante com Deus, mundo e Unidade, bem como, da influência de seus chamados mestres espirituais.

Dalila, concluiu a sua licenciatura em ciências histórico-filosóficas, que de entre outras possibilidades por si amadas tais como a pintura e a botânica, sempre emergiu como “ grande amor”. Contudo, nos tempos entrevistos do período de conclusão da sua licenciatura, dedicou seu tempo a leituras transversais que cobrem desde autores da filosofia neoplatónica; da Idade Média, Dons Scot Erigena, Nicolau de Cusa, Espinosa (doutrina da salvação) e Pascal pelas suas razões de coração. O estudo e interesse pelos historiadores das Religiões, fez com que visitasse as ideias de Mírcea Eliade, Kerényi, G. Dumézil e mais tarde também os terrenos da psicologia arcaica por Carl Gustav Jung, a quem apelidou de “o maior Xamã do Ocidente”. Aos românticos alemães, apreciou-lhes a arte de pela natureza e sonho atingirem o cosmos unidamente com a alma: o uso sábio da poesia; e a Henry Corbin, pelos ensinamentos ministrados pela mística sufista e muito considerada por Dalila. Durante a sua vida, Dalila estabeleceu contacto e interesse sobre a Mitologia, a Poesia, Fernando Pessoa, Teixeira Pascoaes e Sampaio Bruno, entre outros mestres - com os quais estabeleceria profundos laços de amizade, tais como: Afonso Botelho, António

quadros, Pinharanda Gomes, Agostinho da Silva - que fizeram parte do seu círculo de interação social e académica.³

Indissociável desta gratidão aos mestres e seus contemporâneos aos quais pediu “ um rumo certo na vida”, estando a missão de escritora que descreve no 3º Instante como sendo aliança, dom, e talento não pessoal, mas exercício ao serviço do Outro e por si própria, em pura atualização de si mesma, e por isso se presta o enorme dever de comunicar com a máxima integridade, fidelidade e consonância com a Graça vivida.

A Filosofia foi um instrumento e auxílio tenaz na conservação da índole reflexiva da autora, ainda que só em virtude do plano curricular da sua licenciatura, a tenha percebido como categoria indispensável enquanto “ fiel depositária do dado noético, de origem contemplativa...sendo um cooperador desse tesouro, na qual algo se vai criando e revelando em si e por si mesmo e que terá a necessidade de participação reflexiva que sua técnica filosófica pode conceder.”

Após a vivência do que Dalila apelida de 1º Instante, a adesão à filosofia neoplatónica dá-se, devido à importância dada à anamnese e ao intuicionismo implícito neste percurso.

Em prol da importância que a Transcendência assume, enquanto, tema inerente e causal patente na sua inspiração, verificamos num capítulo de sua obra “A Força do Mundo”, a exaltação da Metafísica como forma de conhecimento por excelência que dará lugar e expressão aquilo que se encontra na esfera do para além do humano, guardando em si o apanágio de uma força e dinamismo necessário, apontando mesmo no futuro a “Metafísica como ciência a construir-se pela via experimental ao serviço da evidência, o qual o homem poderá usufruir as condições da sua verdadeira liberdade” (COSTA, 1999, pp.134-135). Deste modo, compreenderemos a Metafísica como disciplina e pilar no qual o homem é levado para a reflexão sobre o metahumano rompendo com os condicionamentos encontrados na sua existência espiritual, e como tal chave de abertura e possibilidade da consideração da experiência simbólica do sagrado no Indivíduo, da Transcendência entrevista na imanência, no campo e

³ Dalila dedicou grande parte das suas obras a autores e mestres de sua admiração intelectual e convivência pessoal.

domínio da Filósofa que respeita a reflexão transversal sobre a natureza, homem, Mundo e Deus.

A Interioridade

“O conhecimento e a experiência se fará pela interioridade...ele será duma experiência espiritual: e de referência transcendente...não parando no eu, mas vendo este só como passagem única que aqui a terra conduz ao outro lado, sobre ele se abre: que aqui o pode levar diretamente a Deus...porque o homem é na criação a sua mais súbida manifestação, a eleita...o veículo para a passagem entre criação e criador...onde realiza o salto, por ruptura, onde irrompe a revelação: como um rasgar do véu sobe o outro lado”

O caminho da Interioridade, é feito sentir em toda a obra de Dalila, como meio, instrumento de inefável importância e participação no Ser, na sua forma mais fecunda, significativa, enquanto, veículo e acesso ao supra-sensível, à apercepção mais íntima de si e do – o Real Absoluto.

É na sua autobiografia espiritual “Instantes”, onde Dalila explica a predisposição para a interioridade que sentia desde a infância, retomando a sua infância como encontro e proximidade fácil com a natureza, animais “uma fácil união com os animais e plantas: fácil e sentida como necessária”; recordando-nos também Afife com nostalgia pela pureza que a natureza irradiava e, saudade da harmonia entre povo, animais, sem pobreza, nem crimes, nem conflitos – referindo Pedro Homem de Mello, como poeta português perscrutor e reanimador desse tema. Mas este amor pela interioridade, na memória de Dalila, é sustentada também na sua “herança paterna e nesta, com raízes céltica, escocesas e irlandesas” e à herança materna duriense, “(COSTA, 1999, pp. 26). Apesar da ajuda e predisposição genética, a singularidade e profundidade, enquanto, escritora, ensaísta, poetisa e filósofa, sustêm-se no processo de reintegração levado a cabo pela vivência sentida entre múltiplas manifestações de uma transcendência entrevista na imanência.

Talvez, possamos depreender da leitura das obras “Instantes”; “A Força do Mundo”; e “Dos Mundos Contíguos”, em particular, que é a primordialização desta interioridade que é potência inerente à vivência originária de uma transcendência vivida no plano da imanência em doação, e “nunca como

posseção sua”, referindo-nos claro ao testemunho particular que esta experiência e vivência originária “lhe entregou em depósito”.

A posseção e explanação desta interioridade em Dalila, significa a sobressunção, portanto, da alteridade como processo constituinte, da espiritualidade não possível de ser reduzido à quantificação e adstração real de dados típica do cientismo, detonando-nos, cegando-nos numa visão fragmentada, resultante de subtrações, dividendos e resultados, assente na experiência puramente pragmaticista, concentrando-se nos focos e luzes da exterioridade - sendo esta a via denominada horizontal.

A Qualidade do *Numen* – Instantes e Meditações sobre o Êxtase: Teos, Telos, Antropocosmos

A qualidade do *Numen* no pensamento e filosofia de autora, irá aflorar sempre que identificamos e presenciamos, os encontros destes instantes concentrados de êxtase puro, pela participação na Transcendência envolvidos de sua inocência, pureza, quietude, paz e união com unidade e o Todo - como a intuição forte de ligação do seu eu a uma transcendência vivida na imanência, mas simultaneamente, ultrapassapante em si mesma, e que instigará corpo, alma e espírito em vertical ascensão de encontro com o seu ser no micro e macrocósmico.

A Transcendência é assim perspectivada como experiência íntima, cúmplice manifestada, no plano da imanência e “sendo presentida por esse “mistério”⁴, que é esse Real Absoluto que é maior e do qual somos depositários, consagrados do serviço em “mãos”, advindo da Graça.

Entre os momenos constituintes da dimensão espiritual no pensamento e obra de Dalila, destacam-se três sendo que ao 1º apelidou-o de Instante de Ouro, “insuspeito e súbito, acontecimento inesperado, gratuito” (COSTA, 1999, pp.28) ao qual a autora se compreendeu, sentiu e entregou como receptáculo de um chamamento, dom vindo do alto...que lhe apelava para uma nova visão do mundo” (pp. 29), e ao qual subjazia a eterna tarefa de desocultação de si...como

⁴ Dalila refere que apesar desta vivência sentida da Trancendência no plano pessoal, terreno, esta guarda enorme campo de inefabilidade, indizibilidade de forma inerente.

“energia nele mesmo, infinita passagem de potência a ato”, e o qual ganharia vida 30 anos depois.

Essa visão é recordada por Dalila, 60 anos depois como momento incólume à passagem do tempo e esquecimento possível de memória, mas antes como que cravado de extrema realidade e evidência, perdurando em si e por si, como plenitude vida e abundância...depois saberia “como a promessa e dom supremo concedido por Cristo.” (pp. 31)

O 2º Instante (Porto – 9 anos depois – 1 de Setembro, mesa de operações)_volta à experiência terrena com um novo propósito e “serviço a cumprir” (pp. 34). É notório, que cada instante no seu final concede a imposição no espírito de uma missão a cumprir. (psicologia homo religiosus – Jung/ a qualidade naturalmente religiosa para a qual o ser humano naturalmente detêm.

O segundo e terceiro instantes (este vivido em Charleroi – 20 anos depois – 30 de Janeiro de 1968) experienciados por Dalila, são particulares, na medida em que acontecem em estados -limite da experiência humana – A Morte e a sua possibilidade, ou por outra e, posteriormente, o inevitável renascimento, a ascense, a Luz...e uma missão a cumprir. Entre várias visões do Anjo, Virgem Maria, Cristo e múltiplas imagens “sempre nesse ver, sem ver imagem sensível, nunca no exterior em alucinações...vozes no interior, sem nada de corporal, vistas e ouvidas pelos órgãos supra-sensíveis da alma, de forma inefável, inexplicável...seu teor bem-fazejo, sendo marcado pela sua clareza, luminosidade e rigor, sem nada em si de indeterminado, absurdo ou incoerente.”

O terceiro Instante é retido em Dalila como uma experiência de alcance maior a nível experiencial e de missão, visto descrever-nos uma aliança e compromisso lhe oferecido a ocupar em nova vida a criar “ um outro pedido ainda, vindo e confirmado: para subir em espiral no meu ser, desde seu centro”.

Nas obras “Instantes” e “Força do Mundo”, é o conhecimento pela evidência sentida na e pela experiência íntima e pessoal da autora que se assiste. Instantes são por excelência momentos onde acontece a fusão do plano humano e divino, onde o eu é o Outro por céleres momentos, ainda que nessa fugacidade o sentindo completamente como maior. Posteriormente, a todas as aparições, visões, vivências deste *Outro*, decorre o advento de uma nova missão

e propósito e conseqüentemente, a experiência da vida avassaladoramente transformada numa consciência mais ampla e centrada sobre sua finalidade ou Telos. Em dois dos três instantes que Dalila nos conta, é característico colocar próximo do leitor, a vivência da experiência da quase Morte como inevitável ponto de intersecção antes do renascimento, momento de conhecimento e via ascética para a Luz. Neste seguimento, a ascese a nos reporta Dalila, como processo de reingresso na luz, aconteceria através a revelação vivida nos mais diversos instantes e manifestações sob as quais o divino se faz sentir e padecer o ser humano- enquanto único, diverso – nos diversos momentos de morte e renascimento possíveis durante o seu percurso de vida.

O Instante Auroral e a pedagogia angélica

É em “Mundos Contíguos” que Dalila distingue entre estes instantes, como momentos e experiências imediatas do divino, na imanência, que destaca o Instante auroral, como específico e complexo em toda a sua circunstância e almejo – o da consciência pura. Evocando-o aqui como perenização e concentração de um estado de inocência passível de ser comparado ontologicamente ao momento de infância. Tal instante é consagrado e singular pela “ mundo de junção entre corpo, alma e espírito; terreno, astral e celeste: para ainda recorrermos ao esquema tripartido de estratificação no homem e no cósmico...como estado crepuscular...onde o anjo da Terra descerá nesse instante na Terra e o Anjo do homem no homem, sob mensagem secreta. “Tal momento é de súbito acontecido no abismo e falha entre sono e vigília, vivenciado um despojamento, onde indivisível e indizível; interior e exterior se tornam um só, permitindo ao homem resgatar o tesaurido perdido, escondido e que nas formas de apreensão de vigília quotidianas, impossível de se fazer ouvir, e por isso de forma sobre humana quase, requiere uma passividade e capacidade de escuta e visão atenta e aberta, em virtude da comunhão que essa linguagem e manifestação sagrada exige (porque sua fala intermitente) e “na qual nosso ser, estar e conhecer, se reparte, dúplice e uno, num diálogo-monólogo...na qual a outra parte interlocutora se coloca em toda a sua soberania e independência.” (pp. 13-14).

As propriedades e vicissitudes deste instante revelam-se num ritmo e tempo assíncrono, no díspare, onde a memória se afigura como condição frágil para reter e abarcar este Invisível, porque a este conferido a competência da eternização do passado e futuro “ preparando-nos o secreto percurso que nos espera fazer entre céu e terra...porque caminha fácil em ambos os sentidos do tempo.” (pp. 115). E interroga-se aqui Dalila, como poderá denominar tal? Anjo? Verbo? Espírito Santo? será flexão a essa consciência pura, “conhecimento da verdade e salvação estando unidos, inseparáveis.

O Ensaio “ Três Meditações sobre o Êxtase”

O ensaio sobre o êxtase, integrado na obra “ A Força do Mundo” é, senão relato vivo e pregnante do ingresso e vivência da experiência espiritual íntima, da alma mística de Dalila - onde tal como afirma Pinharanda Gomes, a autora fixa nos mostra o seu ponto fixo de reflexão que é o centro do universo que é Luz. De forma mágica, Dalila, partilha-nos a sua evolução espiritual através da descrição dos momentos, ensinamentos e experiências radicalmente transformadoras, causadas pela abertura, toque inefável da Transcendência ao qual fez juízo na descrição do que nos parece indizível ou transmissível – a experiência imediata do divino; o numinoso interagente e presente na personalidade terrena, em efeito de ponto vórtex, magnânime em flecha de encontro à essência do eu, que se torna ele, mais próprio aquando do encontro com o *Outro* - ao qual Dalila apedidou de Graça - e daí advindo toda uma alteração da mundividência no homem. A cada passo de leitura das meditações sobre o êxtase, percebemos a transtornadora simplicidade, complexidade e densidade da própria experiência da intimidade que este Êxtase representa, desde a circunstância da sua revelação ao seu abandono. Marca peremptória de todo um existir, o êxtase coincidirá acima de tudo, com um estado transumano e, simultaneamente, humano na sua vereda de essência, onde acontece o real, incapaz de se fazer perpetuar nas circunstâncias terrenas de ilusão pura, revelando-se sobretudo uma apreensão interna, turbilhão de revolução e mutação interior.” No êxtase, não há nada de vago, ambíguo, não necessitando de nenhuma interpretação, apenas o ato de ver e meditar- uma apreensão” (COSTA, 1972, pp. 26). Neste sentido, as condições, descrição, circunstâncias e

efeitos próprias da experiência imediata de “Instantes” e das “Meditações”, prefazem o núcleo do que Jung, formula acerca da experiência religiosa, inclusive a intransmissibilidade desta, não deixando de referir que “ é indiferente o que o mundo pensa da experiência religiosa: aquele que a tem possui um novo brilho ao mundo e à humanidade. Ele tem *pistis* e paz.” (JUNG, 1985, pp. 111).

Outra importante afinidade entre Jung e Dalila, que seria curioso aqui falar, não fosse a exiguidade de espaço, seriam os sonhos. Embora, numa linguagem literária-filosófica, e desaproximando-se de uma abordagem psicanalítica, a autora tece aos sonhos enorme grau de importância e valor de conteúdo a ser considerado pelo indivíduo, nomeadamente, pelo seu valor ontológico (apreensão da transcendência), pelo seu fundo divino e meio de aclaramento do real “ iluminando profeticamente o seu caminho “ (COSTA, 1991, pp. 67), importantes atuantes e meio de resgatar, segundo Dalila, momentos de iluminação, como “ reapossesamento de grandes poderes perdidos.” (Costa, 1991, PP. 73).

Física, Mística, Poesia e antropocosmovisão

“É nesta abertura, encontro, vivência e missão que nos coloca Deus e o homem, face a face...a um poeta, a um místico, a um profeta, a um filósofo...a uma pátria – a vivência interior da sua força sagrada, transcendente, a fazer-se em verticalidade e união entre céu e inferno, noite e dia, terra e céu, em puro cristal a lapidar-se na varina e magia do Outro, que também é ele próprio- o seu resgate e descoberta...a revelação, a manifestação singular, consubstanciada na união com o todo e seu centro.”

A Física, a Mística e a Poesia assume-se no pensamento e obra de Dalila como manifestações do sagrado, do divino congregados na sua experiência íntima e vivencial única e singular. Por estas razões apreciados e retomados aqui para uma história do pensamento e da cultura portuguesa – e sua marca fulgurante – o domínio da espiritualidade.

Dalila afigura-se-nos, indubitavelmente, como figura similar, recordação, símbolo monumental do testemunho da vivência em cumplicidade com o divino. Na sua obra, é esta *vivência originária*, catapulto de criação da sua obra literária e filosófica, como referimos anteriormente, ficando patente a

importância do comprometimento com esta experiência e vivência, enquanto, dádiva e, simultaneamente, tarefa e processamento em vida a resgatar pelo homem, enquanto, homem de encontro ao seu *vero eu*, isto é, num contínuo processo de descocultação e ocultação próprio do Ser, no encalce da sua reintegração na unidade, porventura, compaginada numa versão hominizada à escala de uma visão antropocósmica⁵ – a união com o Todo a edificar, sem esquecer a dimensão teológica e teleológica inerente à sua filosofia.

É justamente numa citação de João Pico de Mirandola- sobre a dignidade do Homem, introdutório ao seu capítulo da obra “Dos Mundos contíguos”, intitulado “Uma Libertação e Ciência Nova- experiência física e espiritual”, que a autora anuncia os parâmetros e fórmulas de conhecimento anunciado para um futuro próximo” que o homem contemporâneo deverá realizar criando e integrando uma visão antropocósmica – onde como defende “urgirá para o acto supremo do “conhece-te a ti próprio” - acto prévio e necessário de toda a iniciação e subsequente acção justa no mundo” (COSTA, 1999, pp. 77).

Recordemos então as preciosas palavras de João Pico de Mirândola

Disse o Criador “ Não te dei um lugar determinado, num rosto próprio, nem dom particular, ó Adão, a fim que teu lugar, o teu rosto e teus dons, tu os pretendas, os conquistas, e os possuas por ti mesmo. A natureza contém outras espécies e leis por mim estabelecidas. Mas tu, que não limita nenhuma barreira, por teu próprio arbítrio, entre as mãos do qual te coloquei, te definas tu mesmo. Pus-te no meio do mundo, a fim que pudesses contemplar melhor tudo à tua volta, tudo o que o mundo contém. Não te fiz nem celeste, nem terrestre, nem mortal, nem imortal, para que soberano de ti mesmo, acabes tua própria forma livremente à maneira dum pintor ou de um escultor. Tu podes degenerar em formas inferiores, como a dos bichos, ou regenerando, atingir as formas superiores. “

É em pleno século XXI, século considerado na obra de Dalila, tempo propício “a aventura da mutação civilizacional, como metanoia” (COSTA, 1999, pp. 74). Isto implicaria na visão de Dalila, o enlaçamento e a necessidade de união entre a ciência experimental física e a ciência experimental espiritual e neste sentido, inaugurar-se aquilo que designou “ era do conhecimento – amor, gozada em vivência pelo sujeito” (COSTA, 1999, pp. 76) almejando-se a ultrapassagem das

⁵ Esta visão antropocósmica comportaria, o descocultamento e aproximação ao *vero eu*; Deus pela vivência íntima; resgate espiritual da Pátria e de volta a união do Ser á Unidade.

lentes do paradigma positivista-materialista ocidental, império abraçado pela Idade Moderna, que em tantos prejuízos nos havia, em seu entender, provocado no espírito e alma.

É no capítulo *Uma libertação e Ciência Nova* da obra “*Dos Mundos Contíguos*” que a autora evoca a necessidade e operância da aventura e serviço em “recuperar os poderes da experiência espiritual como oportunidade de recuperar conhecimentos, ensinamentos do primordial desta energia de consciência...rompendo barreiras impostas a esse conhecimento autoritariamente numa única zona conhecível pela razão” (pp. 73), imergindo a contribuição espiritual como outra via por excelência contributiva na possibilidade eminente de “vislumbre da verdade na sua essência: como vera dimensão total.” Daqui será, importante, refletirmos sob que moldes e formas esta valência de ciência experimental espiritual se faria valer.

Dalila sugere-nos que esta performance exigirá por parte do investigador desta ciência se mostrará em exímia exigência em si própria, porque necessitará em 1º lugar “de todo o rigor, clareza e um certo método específico por parte desse descobridor do mundo supra-sensível ou da surrealidade. Será essa a nova ciência”, e por outro lado a entrega à experiência vivencial e nominal “deste processo em causa: perante si, dentro de si desenrolando-se...aceitando-o, interpretando-o” (pp. 74). E tal compromisso na filosofia de pensamento é-nos dado a entender como assumir do caminho e vivência pessoal de ascese em direção à liberdade, onde morte e renascimento serão contíguos de uma mesma espiral do centro em movimento elíptico e ascensional, onde o gradual despojamento e abandono do Ser acontecerá, no qual o investigador se vê como co-participante, representante e transmissor desse mesmo conteúdo da ciência experimental espiritual. Ao investigador da ciência espiritual, competiria viver um progressivo caminho de despojamento de atitude egoíca. Este despojamento e abandono do Ser é ideia crucial e travessia na sua obra e pensamento, quer implícitamente quer, outras vezes ganhando forma mais explícita, anunciando-nos Dalila a necessidade do resgate e vivência deste *vero eu* “vero interior, escondido e eterno a resgatar e que “subsiste para além desse outro eu exterior.” (pp. 76). Como exemplo, citamos as palavras escritas no prefácio do Livro de Flávia Monsaraz, “*As aventuras do ego de todos nós*”, onde

nos diz “ e me Alegro...o encontro de nosso *vero eu*, o que nos dará ou permitirá o encontro de nosso anjo...valorizando a cave onde reside a Mãe Velha, sabedoria de origem suprema”, e ainda uma vez mais na sua obra “Mundos contíguos e concêntricos” referindo-se ao ego como expressão humana” o factor de todos os nossos problemas”.

Em virtude desta visão de sentido antropro-cósmico apologizado, enquanto, via privilegiada na formulação de um conhecimento mais amplo e do *vero eu* do humano, o 3º capítulo integrado na ensaio “Três meditações sobre o Êxtase” intitulado *A espiral e o centro - duas diversas manifestações* onde a autora nos recorda a contemporaneidade, celebra-se o momento aúreo e propício “ da união de várias vias de aproximação duma mesma realidade” (pp. 123), alertando-nos que para tal será necessário “ convidar os físicos a curvarem-se sobre os textos da mística, de todos os tempos e lugares” (pp. 122), abrindo-se espaço à interlocução do conhecimento místico com a física visto “ a mesma necessidade de precisão e clareza, e o mesmo despojamento próprio na captação e transmissão da verdade que culminou ao mesmo carácter transpessoal e universal da mesma unanimidade”, primaziando-nos aqui o Lugar e importância da Mística, enquanto testemunho incontestável de manifestação do Mundo e via de inelutável valor na sua apreensão e, simultaneamente, desocultação e desvelamento; expressando de forma fulgurante a ânsia pela dissolução e quebra existente e ilusória entre ciência e religião, almejando-se “ a abertura e visão total sobre a Realidade e a sua total possessão” (pp. 125), retirando Deus de concepções abstractas, morais, dogmatizadas e resgatada simplesmente como “ energia única que preside e informa o universo”.

A Mística - Teos e Telos - no Homem

“Toda a experiência mística autêntica de todos os lugares e tempos da terra, virá espontaneamente inserida no Húmus fecundo de uma crença específica religiosa, a de seu recebedor e transmissor” (COSTA, 1999, pp. 65).

Na obra de Dalila é possível encontrarmos, inevitavelmente, a sua dimensão teológica agregada à elevação que o cristianismo, ganha enquanto tema de reflexão e inspiração no seu pensamento e mística. A autora não esquece de

mencionar, a sua ligação a Deus e da mensagem original a que o cristianismo se encontra ligado - o Amor, e neste sentido, ela propõe uma regeneração e transmutação do papel de compreensão que revigorará o cristianismo e o libertará dos agrilhoamentos de uma moral e da pura atitude devocional. Deverá ser entendida agora no “ seu mais amplo sentido e missão escatológica, afastando-se da atitude sentimentalista e não construtiva como via de aproximação ao Amor, na sua essência e carne”. Agora, este amor que é princípio e fim do cristianismo será sentido como experiência mais directa e próxima, pela via da interioridade e, “não só como prémio da virtude” (COSTA, 1999, pp. 130), até porque a sua força e centro são o amor. Daqui poderíamos induzir que à virtude da consideração de um Deus que se faz sentir, é um Deus, Real Absoluto, Amor e aqui residir a sua dimensão teológica, sobretudo.

Nesta nova perspetivação do cristianismo, Dalila recorda as palavras de Gólgota como sendo fundamentais a considerar na revivificação do cristianismo e que se resume a a experienciar também a vivência de Deus, algumas vezes como ausência e abandono “presença ausente” (COSTA, 1999, pp.131), nos virais momentos de queda.

A dimensão teleológica que encontramos no pensamento de Dalila, resguarda-se também nesta ideia de Deus, vivido na Terra a seu serviço, sendo o cristianismo uma religião que evocará nas suas assunções primeiras “a realidade de uma outra força maior do que esta conhecida e possuída” (COSTA, 1999, pp. 144). Afigurar-se-á então, simbolicamente, a possibilidade de vivência dessa força maior que nas palavras de Dalila, é verdadeira e única que “aqui sobre a Terra dá a superabundância, “na sua eficácia e no seu uso prático a possibilidade de dar ligação com algo precioso – a Vida, ela própria.” (COSTA, 1972, pp. 44). E aqui Vida, entendida como uso vertical de passagem e travessia do homem sobre a Terra, o verdadeiro fluxo onde está a descoberta e a aventura de sua manifestação divina.

Posto isto, este reapossessamento das origens por parte do cristianismo, seria condição essencial para a sua renovação e recuperação da “sua força de germen” (COSTA, 1999, pp. 137), e tal reconversão do cristianismo sustenta-se na edificação de três pressupostos fundamentais; a estruturação de uma filosofia própria de pensamento onde a vivência da experiência imediata fosse

integrada como ritual inerente de uma interioridade perscrutada no seu silêncio, revelando-se “ a fé como a verdade que é vivida dentro de nós...idêntica a nós, coincidindo com a evidência, abolindo-se assim, a oposição entre as exigências da razão e da fé.” A evidência como sendo por sua qualidade própria, anadora das contradições possíveis e por isso sua luz advindo “ do encontro entre o sagrado e o profano”...através do homem, nele e por ele se fará a união...e por último explicitando-nos que o caminho de aproximação a Deus não se dará pela força do intelecto, ou da vontade, antes porém, será vivido e contado com “um salto, um mergulho no justo meio da própria realidade a viver...uma súbita imersão no seu meio” (COSTA. 1999, pp. 138). Deste modo, Dalila profetiza a vivência do divino, mediatizada pelo indivíduo em seu encontro interno *continuum* com o *Outro*, sendo este passível de ser conhecido “como realidade sempre presente ao nosso lado, passível de ser vivido intermitentemente e momentaneamente na imanência, e simultaneamente assegurará nesta experiência o seu ultrapassar. Desta forma, a renovação do cristianismo erguer-se-á com uma missão escatológica como “ último e supremo Instante, nas suas moradas e estações da vida” (COSTA, 1999, pp.8)

Poesia Transumana

A poesia em Dalila é uma das vias mais reais de conhecimento, pois ruma ao encontro do Absoluto, da Realidade, do seu vero íntimo e mais verdadeiro “ sendo a poesia o instante do conhecimento perfeito do mundo e da sua relação com ele...agindo no âmbito do meta-humano, escatológico, cósmico e teologicamente.” (pp. 92-93). À Poesia em seu sentido cósmico, cabia a função de esgotar o poeta no dom concedido pela sua inspiração e, apreensão do sagrado, penitência eterna, em ascese pura e conhecimento iniciático, onde aconteceria a revelação em “vera poesia, como depuração ou sublimação do real humano...somente ouvindo a voz do transcendente...e sua criação se fará como resposta ou reflexo, a essa voz...e em nada alterando a união entre o que se chama fundo e forma...sempre respeitando o paradoxo.” (pp. 94-95).

A poesia, a mística e a filosofia serão catalisadores e informadores duma mesma fonte *Vitae*, em si instauradora de mistério incognoscível e indecifrável ou abarcável, mas sobre estas estas vias dirão mais sobre a realidade suprema do

que qualquer outra instância, meio ou arte da experiência. Quer a poeta, o místico, o músico e o profeta se construiriam a sós com Deus, porque do seu fazer Deus e sua imersão em seio, é deles alimento...num continua subida à fonte da Vida e em serviço dele e do homem em si próprio, em reverência do seu culto de essência, interior, substrato de espírito que comporta matéria em peso contrário, e contraposto à liberdade que o bafeja em direção ao amor, ao amor do Outro, e em si por consequência, em viagem ascética...onde escombros do inferno e pedaços de céu, serão avistados em Terra, em iluminação e dianteira de seu caminho até ao centro de si, da Terra, do Cosmos – O Centro do Mundo. Patente na filosofia e visão de índole anropocósmico, Dalila, anuncia-nos que a união entre cosmos e homem se dá, sob a metáfora de duas esferas celestes concêntricas, unidas por e mesmo centro, e tripartidas em inferno, terra, céu, corpo, alma, espírito, e que por estas razões a possibilidade de integração do homem é possível de ser feita nessa descida e subida, “nesse atravessar das três regiões semelhantes, sendo que “ esse mestre do invisível é mistério *continuum* no seu desvendar e ousadia proibida...sabemos apenas que ele nos fala dentro e fora de nós, mas não nos pertence. A sua manifestação acontecerá e silêncio, solidão e espontaneidade, em completo desfazamento de qualquer possessão ou intervenção intencional da razão, erguendo-se como responsável e guia de condução ao mistério de nós mesmos, ao *vero eu*.

E ainda quando nos fala sobre um novo conhecimento, imergente e emergente neste 3º Milénio, a poeta desenha a ciência e os seus usufrutos de sua experimentalidade como insuficientes, se pretendermos avistar e infundir-nos no domínio da transcendência vivida na imanência, que inexcrutavelmente é via de encontro e acesso à interioridade. Ao indivíduo contemporâneo seria imputado a tarefa do reconhecimento de um Teos, Telos e Cosmos, dimensões perpetuantes e constituintes do plano do Ser. (F. Pessoa “ A divina consciência da minha missão”).

O Resgate da dimensão espiritual na Pátria e pensamento Português

“Quando Portugal atingiu a plena consciência de si próprio...também foi possível sua plena realização espiritual, ele também se uniu à Criação em perfeita reintegração cósmica.”

Dalila recorda-nos aqui, as passagens de Portugal onde uma natural consciência providencialista, o compromisso espontâneo com o transcendente, era a sua vivência natural...remontando a D. Afonso Henriques que em *Mundos Contíguos* e outras obras, nos elege como representante e figura principal, iniciadora do comprometimento do espírito que “assumirá para si, sua descendência e seu povo, em toda a sua responsabilidade, uma missão sagrada: como santificação do mundo” (pp. 158-159) e ainda isto será perpetuado em toda a sua essência, na descoberta, acção dos navegantes, heroís, santos, poetas, místicos, projetos messiânicos – na visão de Dalila representantes da “voz de Deus”, “para poder levantar a acção no mundo terreno à escala numérica.

Em contrapartida, a poeta, filósofa, escritora, visionária aponta a Idade Moderna, nomeadamente, a partir do séc. XIX, como responsável no desvirtuamento e perda da sabedoria portuguesa, trocada agora pela vivência do “bem estar hedonístico e gozo material na existência quotidiana, produzindo uma baixa incessante da baixa espiritual dos homens” (pp. 161), respirando a estreiteza do positivismo, criando barreiras da sua experiência real e direta herdada de nascença e força de centro da sua identidade - a do espírito voluntarista, messiânico, e convivência espontânea experienciada por sua consciência de natureza providencialista. E neste seguimento Dalila, sugere-nos a recuperação de nossos mestres espirituais, ressaltando na Idade Média os Padres do Deserto “como nossos primeiros mestres espirituais na história do Norte Português...nesses longíquos mestres...se deverá entroncar toda a nossa cadeia de ouro” (pp. 162), e que ganharam vida na continuação de alguns pensadores e autores portugueses como D. Dinis, D. Duarte, Infante D. Pedro, Padre Manuel Bernardes...até mais recentemente em figuras, poetas e filósofos da cultura portuguesa, da *Águia*, Pascoaes, Leonardo de Coimbra, seus discípulos, Álvaro Ribeiro, José Marinho...” todos em seu mestrado de amor...a maior força mundial que um mestre espiritual possui...e que sem a qual perde a peculiaridade de sua alma...porque elas detêm a cadeia aúrea que detêm a sua tradição.” (pp. 163), dependendo, assim, o seu progresso da atualização constante das suas tradições, criando movimento e dinamismo nas suas ideias, tal como Jaime nos Cortesão nos alertava em virtude do atingir um universalismo. Então, aqui e no espírito de amor nutrido à Pátria por Dalila,

ergue-se novamente a esperança do surgir da haste e da revelação do segredo de Portugal, o da acção no mundo inspirado pela “mística voluntarista, unir-se com o transcendente, para o resgate de sua Força Vital”, movido pela força do numinoso...levados por uma força que os os ultrapassa a si mesmo, pela aventura transumana”, compelindo-nos à nossa singularidade e segredo no Ocidente, neste ir além...na re-vivificação desta alma em presença e experiência...o vislumbrar da luz portuguesa. Nas assunções e evocações da Pátria e amor por ela, não nos deixa esquecer que a esta missão subjaz, o “serviço a Deus”, cooperando na sua obra redentora, recuperando o mito do homem, o mito do Centro sentido do micro ao macro-cósmico.

É neste 3º Milénio que Dalila clama pela ressuscitação da alma portuguesa, o encontro com o seu *vero eu*, salvando-se da sua entropia actual, e o próprio português nas suas mais diversas áreas “trazer das trevas à luz, do inconsciente ao consciente, a vera essência do Ser de Portugal, em resgate da sua verdade e tesouro enterrado há muito...e por múltiplos enfoques do seu dinamismo e psiquismo...pelo conhecimento também da sua história e meta directa à qual se propôs. Afigura-se que esta meta foi espiritual”.

De forma genuína consideramos o pedido de Dalila, um chamamento, a recordação do invisível que nos é presente também por dentro e por fora, e ao qual não nos deixamos tomar, inebriados pelo amorfismo de quem cedeu a sua alma, mais do que a sua bandeira, largada e à deriva, perdida na incapacidade de nos atermos e recolhermos na nossa solidão, qualidade emérita da nossa criação e descoberta individual, na tentativa de ouvir rimbombiar novamente as cornetas e tambores do sibilar da alma e espírito português, no seu cântigo primeiro, no seu acorde vibracional e voz do Sagrado a ser e a retomar - “o do seu maior contributo, a descoberta, a realização última do ser, através da técnica espiritual de realização pessoal – a reintegração” (COSTA, 1993, pp. 307).

De tal forma, segundo a poeta, a criação acontecerá e, o homem “será a Revelação, ou seja, o veículo, o meio, o instrumento ao serviço simultaneamente do Outro em si próprio, sendo nesta alternância e, conservação, e construção contínua enquanto instrumento ao serviço do seu Teos, do seu Telos”... E esta tarefa na inspiração e intuição de Dalila acontecerá pelo amor verdadeiro ao

conhecimento, “este conhecimento, como todo o verdadeiro conhecimento será feito no Amor...porque um e nos outros são como faces da mesma procura e da mesma verdade, a única” tudo será feito em “ *philosophia spiritualis*” (pp. 129). Este fio de trapézio vertical é lançado em desafio à contemporaneidade, nas errâncias de um imaginário que em Dalila é realizado ao passo do sentir e experienciar o sentido do Amor ao volante principal, com asas escórgias, infinitas de bater fulgurante e aceso de interioridade vivificada em Luz, relançando-nos nas profundezas do mais fundo da Mãe Terra e Caverna última, em salto trampolim do aperfeiçoamento e aprimoramento da força e ritmo vital da unidade” gerando multiplicação e diversidade, e olfatividade de transpessoalidade com um pé na Terra e outro no Céu...sem temer...e em reverência e anunciação de que *tudo es Amor com Amor*⁶.

Referências Bibliográficas

- BOURE, Jean- Paul, *Sabedoria Ameríndia*, Porto: Editora Pergaminho, 1999.
- JUNG, Carl Gustav, *Memórias, Sonhos e Reflexões*, Rio de Janeiro: Ed.Nova Fronteira, 2006.
- JUNG, Carl Gustav, *Psicologia da Religião*, São Paulo: Ed. Vozes, 1985.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *A Corografia Sagrada*, Porto: Lello & Irmão Editores, 1993.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *Da Serpente à Imaculada*, Porto: Lello & Irmão Editores, 1984.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *Entre Desengano e Esperança*, Porto: Lello Editores, 1996.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *Espirituais Portugueses*, Lisboa: Fundação Lusíada, 1991.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *O Esoterismo em Fernando Pessoa*, Porto: Lello & Irmão Editores, 1978.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *A Força do Mundo*, Porto: Lello & Irmão - Editores, 1972.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *Os Instantes nas Estações da Vida*, Porto: Lello Editores, 1999.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *Dos Mundos Contíguos*, Porto: Lello Editores, 1999.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *A Nau e o Graal*, Porto: Lello & Irmão Editores, 1978.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *A Nova Atlântida*, Porto: Lello & Irmão - Editores, 1977.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *Portugal Renascido*, Porto: Lello & Irmão - Editores, 1991.
- PEREIRA DA COSTA, L. Dalila, *Os Sonhos- Porta de Conhecimento*, Porto: Lello & Irmão- Editores, 1991.

⁶ Citação de Sta Teresa, escolhida por Dalila Lello Pereira da Costa, na introdução às três meditações sobre o Êxtase.